

CONDUTAS IDENTITÁRIAS: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONALIDADES HUMANAS NA OBRA *O SENHOR EMBAIXADOR*, DE ERICO VERISSIMO

Amanda Oliveira¹

“O preço duma vida violenta, meu amor, é uma morte violenta”.
(*O Senhor Embaixador*)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *O Senhor Embaixador*, do escritor Erico Verissimo, Na perspectiva identitária de quatro personagens: o embaixador Gabriel Heliodoro, o secretário da embaixada Pablo Ortega, o professor acadêmico Leonardo Gris, e o ministro da embaixada Jorge Molina. Consta-se que as identidades de tais personagens se direcionam ao que podemos chamar interesses. Enquanto Ortega e Gris levam seus princípios ao ato, para possibilitar ao povo a oportunidade de uma mudança social de seu país, a ilha de Sacramento, Molina se frustra em sua falta de crença e Heliodoro percebe que talvez os fins não justifiquem os meios.

Palavras-chaves: *O Senhor Embaixador*; Erico Verissimo; Condutas; Identidade; Sociedade.

A sociedade hoje é o espaço em que o ser humano se sente descentralizado e deslocado, como diz Stuart Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. O sujeito hoje já não é o mesmo que outrora, que sentia a sua identidade como um todo unificado: mais do que nunca, compõe-se “não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (p. 12). “Definida historicamente” (p. 13), a identidade depende dos sistemas sócio-culturais que nos rodeiam e que alteram e transformam, todo o tempo, o que somos, tornando-nos instáveis em ações, reações e sensações sociais.

Isso a que chamamos fato não será uma espécie de iceberg, quero dizer, uma coisa cuja parte visível corresponde apenas a um décimo de seu todo? Porque a parte invisível do fato está submersa nas águas dum torvo oceano de interesses políticos e econômicos, egoísmos e apetites nacionais e individuais, isso para não falar nos outros motivos e mistérios da natureza humana, mais profundos que os do mar. (VERISSIMO, 1980, p. 4)

Essas formas de agir que respondem a interesses transformam a consciência que se tem das ações ocorrentes no mundo, de modo que se vê aquilo que se apresenta aos olhos de observador, mas ignora-se o outro lado, o oculto. Essa dimensão cegante dos atos interessados

¹ Graduada em Letras, Português e Espanhol, pela Universidade Feevale e Especialista em Literatura Brasileira pela UFRGS, é Mestranda em Teoria da Literatura pela PUCRS. O Presente trabalho foi desenvolvido como artigo final da especialização, sob a orientação da Profa. Dra. Maria da Glória Bordini, em 2010.

se transfere a uma outra capacidade: o julgamento. Se há aspectos escondidos pelos jogos de poder que organizam a sociedade, o que se entende por realidade e, principalmente, por verdade, torna-se unilateral, porque nem sempre o todo adquire visibilidade. Fatos são feitos, portanto, de pontos de vista.

Erico Verissimo, em seus últimos romances, analisa tudo isso, fazendo perceber que aquilo que se considera *verdade* é, de fato, apenas *uma* das tantas formas possíveis de percepção daquilo que se apresenta ao observador. Se já não se sabe o que *é*, quanto à vida e à sociedade, tampouco as atitudes podem ser medidas e julgadas como *corretas*. Para avaliar os atos, é necessário muito mais do que a sua compreensão. É fundamental envolver-se.

O Senhor Embaixador, livro lançado em 1965, tem como tema central os Estados latino-americanos, marcados por revoluções, corrupção e ditaduras, e como centro das atenções a personalidade marcante do Embaixador Gabriel Heliodoro Alvarado, representante da fictícia República do Sacramento nos Estados Unidos, na capital Washington D.C. Poder, alta sociedade, festas, banquetes, contatos, mulheres, enfim, resumem o ambiente de desejo e cobiça, de aparências e politicagem que ali impera.

Dividido em quatro capítulos, o romance desenvolve a trama existente no mundo das convenções diplomáticas e das manobras de um governo ditatorial, evidenciando personalidades que vivem à margem dos interesses de seu grupo. *Credenciais* é o capítulo de início, e apresenta os personagens principais, bem como a embaixada e seus funcionários, pela voz de Miss Clare Ogilvy, a secretária que tudo sabe, mas que nada conta, “duma discrição exemplar no que dizia respeito a assuntos da chancelaria” (1980, p. 34). As atenções concentram-se nas personalidades de Gabriel Heliodoro, o embaixador da cidade Sacramento, do secretário da embaixada Pablo Ortega, frustrado por não conciliar seus desejos de justiça social com a realidade de seu país e da representação diplomática do mesmo. Também são salientados o professor Leonardo Gris, esquerdista envolvido na denúncia do governo do ditador de Sacramento, Juventino Carrera, e o Dr. Jorge Molina, ministro conselheiro, descrente dos próprios sentimentos de justiça e fê.

Na seqüência, o capítulo denominado *Festa* descreve a recepção faustosa da embaixada à sociedade burguesa e poderosa de Washington D.C., e evidencia a figura sedutora da personagem principal, Gabriel Heliodoro. Após as primeiras impressões de luxo e poder, o Embaixador percebe que aquele mundo não lhe pertence; é no capítulo intitulado *Carrossel* que manifesta seu descontentamento e inquietações, assim como o enfraquecimento de seu poder sobre os demais. Por último, no capítulo *Montanha* dá-se o retorno ao espaço geográfico de Sacramento, com as manifestações de violência da revolução que ali se

deflagrou, e a defesa paradoxal de Heliodoro por Ortega, dois homens de personalidades diferentes, um cúmplice da ditadura derrotada, o outro aliado da revolução vitoriosa, mas capazes de irem até o fim da defesa de seus respectivos ideais.

Erico Verissimo descreve os padrões comportamentais dessas personagens, retratando nos mínimos detalhes sua fisionomia e caráter. A começar pelo Sr. Molina, um homem já de meia idade, uma esfinge, segundo Miss Ogilvy, que “lê muito, sabe coisas. Mas é um jardim fechado” (1980, p. 39). Intelectual solitário, que luta para reconquistar a fé olvidada, simboliza o homem sem crença, que sofre muito por isso. Em seus diálogos imaginários com personalidades como Leonardo Gris e com Pánfilo Arango y Aragón, arcebispo de Sacramento de quem escreve uma biografia, reflete sobre sua própria filosofia e sobre seus anseios por uma religiosidade perdida e magoada.

– Eu lhe poderia responder dizendo que é porque eu amo essa Igreja, compreende? Amo sua tradição, sua pompa, seu ritual, a história de seus santos e mártires... em suma, seu corpo místico. Que outra força no mundo pode opor-se a onda materialista do marxismo e do niilismo? Precisamos, Jorge, de algo mais que uma filosofia intestinal, duma interpretação digestiva da história! (ibid., 1980, p. 60)

É nessa força religiosa que o personagem tenta sustentar-se contra as ideologias que o intimidam, o que não o conforta, só o ilude. O ruim não é não saber da real situação de seu país, sua pátria. Pior é sabê-lo e fingir ignorar. No grande trabalho da biografia do arcebispo, confronta-se com dois dilemas: de um lado, ter a oportunidade de escrever sobre um grande homem, do qual, porém, conhece as ações incoerentes com os preceitos religiosos; de outro, negar-se a aceitar a figura de justiça e benemerências do humilde padre Catalino, quiçá o verdadeiro motivo para uma biografia.

Leonardo Gris é um professor exilado, conhecedor das tristes realidades de seu país. Mestre, em todos os sentidos, do discípulo Ortega, tem a mente voltada para o futuro e o progresso, e age segundo esses preceitos. Tem conhecimento e apóia as ações dos líderes revolucionários que buscam derrubar o poder vigente em Sacramento, pertencente ao generalíssimo Carrera. Homem de idéias, vê-se às voltas com um mundo de conveniências e corrupção e acredita ser seu dever denunciá-lo e incentivar a revolução em função de seus princípios.

As conversas entre ele e o amigo Ortega são marcadas por reflexões filosóficas e que buscam a solução dos problemas sociais de Sacramento. Gris, no entanto, não vive as inconstâncias de Pablo, que se sente amedrontado e preso frente às convenções que se vê obrigado a obedecer, por receio das reações familiares. As marcas intelectuais das

personagens configuram-se como uma nítida preocupação social com o povo de sua pátria, obrigado a enfrentar péssimas condições de vida a troco de enriquecimento ilícito e luxo de poucos.

Na sua opinião, Dr. Gris, que é que faz um bom revolucionário?

- Como dizia aquela personagem de Malraux, o bom revolucionário é um maniqueísta com gosto pela ação.

- E como é que o senhor se avalia como revolucionário?

- Grau três, no máximo, Pablo. A verdade é que nós, os chamados intelectuais, seremos sempre péssimos homens de ação. Por alguma razão Stalin detestava esse tipo de gente. Repelimos os absolutos políticos e filosóficos. Não aceitamos a idéia de que as coisas só possam ser pretas ou brancas, acreditamos nos matizes, na complexidade dos homens e de seus problemas. Tudo isso são pedras de tropeço no caminho da revolução, coisas que enfurecem os homens de pura ação revolucionária. E ainda, creio, é uma personagem de Malraux quem diz que muitas pessoas procuram encontrar no Apocalipse a solução para seus problemas individuais... (ibid., 1980, p. 76)

Edward Said, em *Representações do Intelectual*, afirma que suas caracterizações do intelectual residem nos adjetivos “exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder” (2005, p. 15). Gris é essa manifestação, já que em muitos momentos é citado por Heliodoro e Carrera como uma presença negativa, que estimula conspirações, o que demonstra não só a força de sua figura de pensador, quanto o poder que suas atitudes de denúncia têm de afetar as movimentações do governo por ele repudiado.

Em sua conferência na Universidade em Washington, intitulada “Duras verdades sobre a República do Sacramento”, revela, a um público de “quatrocentas e poucas pessoas” (VERISSIMO, 1980, p. 206), as dificuldades pelas quais passa a ilha, ao contrário de apresentar o país como mais uma opção turística e pitoresca: o seu país não passa de uma falsa democracia, realidade esta de tantos países latino-americanos. “A liberdade de pensamento e de expressão que seu governo proclama lá existir, é tão fictícia quanto a decantada dignidade de suas duas casas do Congresso” (1980, p. 206). O governo funciona através da parceria entre famílias ricas da cidade, e duas poderosas companhias norte-americanas: a United Plantations Co. e Caribbean Sugar Emporium. O Presidente é “na realidade um ditador que goza de beneplácito dessa oligarquia e das citadas companhias estrangeiras” (1980, p. 207). Os chefes da oposição se encontram ou exilados ou presos, e a imprensa é censurada não pela força, mas através de recursos financeiros insuficientes para impressão e distribuição dos folhetins.

E que dizer do povo? A parte da população do Sacramento que sabe ler e é capaz de pensar, reprova essa situação vergonhosa e opressiva, mas não dispõe de meios materiais para reagir pela palavra ou pelas armas. As massas, essas vivem intimidadas, embrutecidas pela miséria e pela ignorância, na mais pavorosa das alienações imagináveis. (ibid., 1980, p. 207)

Além disso, negócios ilícitos, como prostituição infantil, jogatinas e drogas fazem parte da cidade turística de Puerto Esmeralda. No termo “esmeraldar-se”, resumem-se todas as opções libidinosas que a ilha pode oferecer aos donos do poder e aos turistas estrangeiros, àqueles que possuem máscaras sociais definidas e vestidas somente quando defrontados com seus interesses.

O papel de Gris é, sobretudo, esclarecer, o que, conforme Said,

Nem sempre é uma questão de ser crítico da política governamental, mas, antes, de pensar a vocação intelectual como algo que mantém um estado de alerta constante, de disposição perpétua para não permitir que meias verdades ou ideias preconcebidas norteiem as pessoas. (SAID, 2005, p. 36)

Pablo Ortega, discípulo de Gris, é o secretário da embaixada. Preferido de Miss Ogilvy, filho da família Ortega y Murat, “vive atormentado por um agudo sentimento de culpa por servir um Governo que considera corrupto” (VERISSIMO, 1980, p. 40). É fascinado pela figura de Heliodoro, apesar de todas as manifestações de raiva e rejeição de suas atitudes. Pablo é um personagem interessante, uma vez que funciona como *espelho*. Manifesta as mesmas reações e as mesmas incertezas que sente o leitor frente à complexidade de Heliodoro, complexidade que podemos definir segundo o que Bakhtin chama de exterioridade, ou aspecto físico (cf. BAKHTIN, 1992, p. 47). Pablo não compreende o motivo que o leva a ser tão atraído pela presença física de uma personalidade tão diferente dele. Ele renega essa atração, sente-se culpado, oferece mil explicações infundadas ao que lhe é difícil aceitar. A questão é a aceitação da imagem física do próprio Pablo. Não é a sua imagem refletida que Pablo vê em Heliodoro, como se fosse um espelho. Pelo contrário, é a negação de sua própria imagem:

É nesse sentido que o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, da sua visão e da sua memória; memória que o junta e o unifica e que é única capaz de lhe proporcionar um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse. A memória estética é produtiva: ela gera o homem exterior pela primeira vez num novo plano da existência. (BAKHTIN, 1992, p. 55)

Assim, Pablo aceita sua imagem diante da imagem de Heliodoro. Ele se aceita dentro da existência do outro. Ele se vê pertencente a um contexto externo, só existente pela presença

deste outro ser, diferente, mas que o constitui como tendo a consciência de sua própria existência:

A consciência vive suas próprias fronteiras exteriores de uma maneira diferente, vive-as numa relação consigo mesma. Apenas o outro pode, de maneira convincente, no plano estético (e ético), fazer-me viver o finito humano, sua materialidade empírica limitada. Num mundo que me é exterior, o outro se oferece por inteiro à minha visão, enquanto elemento constitutivo deste mundo. (ibid., 1992, p. 55)

Além disso, Bakhtin reforça que nossa representação externa, para nós mesmos, se torna definitiva, uma vez que a minha imagem se projeta à minha própria manipulação mental, tornando a do outro, por me ser externa, total e efetiva. Dentro dessa lógica, a personalidade de Gabriel Heliodoro evidencia todos os elementos necessários a uma identificação imediata do, segundo palavras de Bakhtin, autor-contemplador (cf. BAKHTIN, 1992, p. 47). Como essas observações são características iniciais de uma identificação com o outro, cabe ao todo do texto seguir apresentando a narrativa e as ações dessa personagem, para que, ao final, o acabamento seja satisfatório aos julgamentos e crenças do leitor.

O que ocorre com Heliodoro, porém, pode ser considerado um efeito contrário: uma vez que se conhece quem é esse embaixador, ele passa a ser a figura onipotente, imbuída de poder e glória, valores positivos dentro dos padrões de constituição de um herói. Ao longo da narrativa, o mito se desmistifica, evidenciando os desvios de caráter desse herói, o que desperta o questionamento quanto a essa personalidade, complexa, excêntrica e humana, mas que não deixa de seguir sendo fascinante: porque ela põe à mostra facetas de nossas próprias personalidades.

A figura do intelectual é a representação de um poder conhecedor na sociedade, mais do que o poder manifestado pelos governantes, e mais do que o desejo de justiça e mudança do povo. Como bem defende Edward Said, “uma das tarefas do intelectual reside no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação” (SAID, 2005, p. 10). Sua função vai além das superficialidades do contexto sócio-econômico, buscando uma universalidade, um risco a correr, que vai além das fáceis certezas, que buscam padronizar o comportamento humano frente assuntos éticos. Pensar, portanto, em não pertencer ao contexto, ao “meu reino não é deste mundo”, nas palavras de Julien Benda, é a grande angústia do intelectual. Segundo ele, no estudo de Said, “os verdadeiros intelectuais devem correr o risco de ser queimados na fogueira, crucificados ou condenados ao ostracismo. São personagens simbólicos, marcados por sua distância obstinada em relação a problemas práticos” (2005, p. 22). Mas pensar nessas “luminosas intuições”,

quem sabe como sendo “as de Dom Quixote, pouco mais do que fantasias pessoais” (2005, p. 22), nos faz remeter a postura de Ortega, dentro da narrativa.

Pablo é o tipo do intelectual quixotesco, diferente da postura de Gris. Ele é esse intelectual perdido dentro de seus próprios anseios e desejos de mudança efetiva e justiça social. Sua consciência, projetada num artista pobre de Soledad Del Mar, o faz sempre sentir a culpa de seus próprios julgamentos. Sente que pode ser seu próprio inimigo, porque acaba por usar situações como desculpas para sua falta de atitude, “para não fazer o gesto decisivo, dar um pontapé no meu cargo e ir me juntar a esses revolucionários onde quer que eles estejam nesse momento” (VERISSIMO, 1980, p. 177), não percebendo que, como seres humanos, somos falíveis, usando um termo de Said.

Gris mexeu-se na cadeira, cruzou as pernas.

– E você acha que pode? (*Compreender um dia Gabriel Heliodoro*)

– Talvez. Esse homem não deve ser tão simples como parece. E afinal de contas, que sabemos uns dos outros? E de nós mesmos?

O exilado sacudiu negativamente a cabeça:

– Não. Deixemos o Julgamento Final para Deus, se Deus existe. Não estou interessado em considerações filosóficas sobre o caráter e a alma do seu Embaixador, Pablo. Não se trata de julgá-lo sub *species aeternitatis*, mas sim à luz do tempo histórico, que se exprime em milhões de vidas e destinos humanos. Não estou interessado nos pecados teológicos de Gabriel Heliodoro, mas nos sociais. Ele simboliza uma situação que, a meu ver, é criminosa, cruel e injusta, e que portanto precisa ser eliminada, se quisermos arrancar nossas massas do nível quase animal em que sofrem e trazê-las para um nível humano.

– De acordo, professor, de acordo. Isso entretanto não me deve impedir de observar Gabriel Heliodoro do ângulo do artista, com a imparcialidade que deve ter, por exemplo, o romancista, se ele quiser compreender as outras pessoas e, através delas, a si mesmo. (ibid., 1980, p. 175 – 176)

Gabriel Heliodoro é um homem instintivo, corporal, que usa a sua figura física como passaporte para entrada no ambiente poderoso da alta sociedade. Como embaixador, sua função é conquistar do Estado norte-americano um empréstimo para a construção da *Trans-sacramentenha*, rodovia transinsular de Sacramento. Mas o espaço que vive, na chancelaria, o mantém preso dentro de convencionalismos. O mundo diplomático não é o seu mundo, só o é em festas e demais confraternizações, situações em que a figura excêntrica é sedutora e atrativa aos convivas. Acredita no compadre Carrera. Vê que o seu papel na Embaixada de Washington equivale a um trabalho a cumprir em função de sua pátria.

Filho de prostituta, desenvolveu-se sozinho desde cedo, dentro das dificuldades de seu ambiente, a miséria constante, as precárias oportunidades. Aproveitou essas oportunidades, e tantas outras que se apresentaram após conhecer o compadre Juventino, para ascender socialmente. É o reflexo da formação identitária que se efetua segundo objetivos práticos: crescer na vida, custe o que custar.

É, porém, um homem sozinho, mesmo cercado de tantos admiradores de sua personalidade. No fundo, sabe que sua excentricidade equivale ao rotulo de rudeza, homem que não possui meios-termos. Questiona-se sobre quem pode merecer confiança, sobre quem está a seu lado por lealdade ou por interesse. E se vê sempre sozinho:

Sentiu então uma grande necessidade de aliviar o peito, conversando com alguém que fosse uma pessoa de verdade. Quem poderia ser? Molina era um bloco de gelo e um pedante. Miss Ogilvy, uma estrangeira. Titito, uma mariposa frívola. Vivanco? Nem era bom pensar na lesma. O homem era Pablo. “Mas Pablo não gosta de mim” – pensou Gabriel Heliodoro – “por mais que eu faça para agradar esse menino, ele continua distante e indiferente”. Além do mais, Pablo era amigo de Gris. (ibid., 1980, p. 170)

A guerra desperta sentimentos e reações diversas nas pessoas. É o que acontece no caso desses quatro homens. Molina, frente à realidade que se apresenta em seu país, cada vez mais se questiona sobre seus fantasmas ideológicos, e a figura de Padre Catalino se mostra, cada vez mais, como a certeza que se pode ter diante todas as dúvidas. Gris, ao falar publicamente sobre a situação de seu país, ousa desafiar o poder e compromete-se. Mas isso é muito melhor do que manter-se trancado dentro de um apartamento, com outros tantos fantasmas à solta: a morte de pessoas que não têm o mínimo de condições de vida, e as vidas que sobram, direcionadas pelo poder e ganância. Mas são Heliodoro e Ortega que nos viabilizam refletir mais sobre sua posição humana. Ao pegar em armas, Ortega se vê preso dentro de outra realidade: se antes a sua intelectualidade se mostrava fraca e superficial frente a tantos problemas, a brutalidade e o sangue frio que a guerra requer são mais duros e cruéis. Saber que, para defender vidas, há que encerrar tantas outras é independente de uma reflexão superficial, como antes: é a certeza que o ato de violência transfigura a realidade, e não se justifica, mesmo que os objetivos sejam de liberdade e justiça. Abre espaço para liberar os impulsos instintivos, mas por outro lado obriga a trancafiar o pensamento e a razão. A violência, na guerra, se justifica quando não há outra saída, mas é a mais cruel e prática delas, e Ortega bem sabe disso. Bill Godkin, o amigo norte-americano, reflete: “Pobre Pablo! Forçava sua natureza, avessa à violência, porque se lhe tornara insuportável o sentimento de culpa por não estar fazendo nada para salvar seu povo da miséria e da opressão” (1980, p. 309)

No entanto, não é a ida para a guerra que mais surpreende nas atitudes de Ortega, e sim a voluntária defesa de Gabriel Heliodoro, mesmo sabendo que isso poderia enfraquecer sua posição no grupo revolucionário, tendo em vista que Roberto Valencia, o estrategista da revolução, estaria no posto da promotoria pública.

A morte do ex-embaixador se torna inevitável; o barbarismo e o espetáculo colocam-se no lugar de expor as reais verdades. Quem são os culpados? Quem são os inocentes? Gabriel Heliodoro é julgado, não só por seus crimes, mas por todos os outros de um regime ditatorial. E Ortega se mantém na defesa dessa personalidade contraditória. Sua atitude é analisada por Godkin, que lhe diz: “você acusa Valencia de querer fazer o papel de Deus, mas de certo modo você, Pablo, está querendo imitar Jesus Cristo. [...] será crucificado junto com o mau ladrão” (1980, p. 368).

Há mais do que um aspecto redentor na atitude de Pablo. Heliodoro afirma ser porque ele “não sabe se seu caminho está mais certo que o meu” (1980, p. 368), argumentando que Ortega não tem certeza de que tantas mortes valham a pena e justifiquem a salvação do povo, se é que este se salvará. A condenação do ex-embaixador representa mais uma morte, e mais uma violência como resultado de uma mudança que tem por objetivo beneficiar o povo.

Pablo defende a justiça e a liberdade porque, afinal, não é a violência e os atos extremistas que fazem um povo ser liberto. Quando se pensa em condenar Heliodoro, é muito mais pelo símbolo que ele representa para Roberto Valencia, do que por sua própria personalidade individual. Por isso, Pablo argumenta durante a defesa do prisioneiro:

Se achamos que para os alicerces do novo Sacramento que vemos edificar, a melhor argamassa é a carne e o sangue de nossos inimigos, ou daqueles que discordam de nós, estaremos correndo o grave perigo de repetir a triste, trágica balada das ditaduras latino-americanas. Porque, se na base desse grande e belo edifício que deverá ser a pátria de amanhã, além do nosso trabalho, da nossa inteligência, da nossa honestidade, da nossa incansável vigilância não houver também um elemento de tolerância e de amor, teremos então construído nossa casa sobre a areia! (ibid., 1980, p. 384)

Pensar em um país que possui recursos e riquezas, mantidas nas mãos de uns poucos gananciosos, que vêem a possibilidade de exploração como meio necessário à obtenção dos fins que os interessam, remete aos tempos em que a aspiração à autonomia econômica e política efervescia nas Américas, quadro em que *O Senhor Embaixador* se insere.

Após a Guerra Fria, a ideia de emancipação dos países considerados do “terceiro mundo” se intensifica, mesmo com as atrocidades produzidas pela ganância desenfreada da Europa em enriquecer à custa da exploração de colônias, pessoas e produtos. Esse desejo de independência e desenvolvimento em função de suas próprias forças, sem servir-se dos países desenvolvidos e “superiores”, foi incrementado pelas inúmeras manifestações revolucionárias pelo mundo, em que as vozes das minorias começaram a ter vez. O inconformismo começou a ter espaço no social e serviu de válvula propulsora da força pela mudança e um mundo mais justo.

Diante da realidade social e econômica brasileira dos anos 60, percebe-se que o espaço geopolítico de Sacramento poderia localizar-se por essas terras, em que reinavam conflitos de classe e incertezas sobre o regime mais adequado ao país, se o capitalismo ou o socialismo. Havia, porém, outras nações que poderiam servir de base para a dura realidade de Sacramento. O certo é que, assim como em Sacramento, a revolução socialista foi vitoriosa em Cuba, que buscava sua independência do poder de Fulgêncio Batista, em meados de 1958 e 1959, tempo cronológico do livro. Coincidências à parte, Erico nunca confirmou essa associação, uma vez que sempre teve facilidade em criar cidades fictícias – como Antares e Santa Fé. Mas há no romance referência a esse país, como a nação que teria auxiliado a invasão dos guerrilheiros, sob o comando de Miguel Barrios.

Com um governo marcado por corrupções e violências, Cuba vivia, desde 1956, a necessidade da mudança. A revolução ocorreu, e mudou drasticamente o contexto político e social, em processo muito semelhante ao de Sacramento. O país comunista, até hoje, gera opiniões divergentes. Nomes foram conhecidos e tornaram-se mito, homens como Fidel Castro ou Che Guevara, instintivos, excêntricos e complexos, como Gabriel Heliodoro.

Maquiavel dizia, nas páginas de *O Príncipe*, que “a pouca prudência dos homens, porém, faz com que eles se lancem em empresas que de início se lhes parecem promissoras, sem que se apercebam do veneno que nelas oculta-se” (MAQUIAVEL, 2010, p. 68). Gabriel Heliodoro acredita ter de lutar pelo poder do compadre, mesmo que o considere um tanto contraditório:

Pois aqui onde me vê, Michel, estou do lado errado nessa guerra. Sempre fui contra o Governo. Tantas voltas a vida deu, que agora fiquei com a legalidade. Imagine, eu, eu do lado do 5º de Infantaria! Eu, Gabriel Heliodoro Alvarado vou ter que combater os rebeldes. Não é mesmo uma ironia do destino? (VERISSIMO, 1980, p. 296)

“Nada no mundo é tão instável e frágil quanto a fama de um poder que não firma em suas próprias forças”, diria Tácito, numa citação de Maquiavel. Por isso, Carrera e seus asseclas perdem o governo, antes conquistado por mentiras e falsas promessas que não se sustentam. E não há como remediar a situação, uma vez que a miséria do povo se manifesta como chaga viva a latejar na pele da injustiça social. É o que Pablo pondera a Glenda, que o procura a fim de obter dados para sua tese e se envolve romanticamente com ele:

– Engraçado como vocês, americanos, têm medo da palavra socialismo. E é apenas a palavra, porque não sei de outro povo da Terra mais preparado que este para o socialismo. De certo modo já existem formas de socialismo aqui dentro. Bom, mas vou responder à sua pergunta. Aplique-me o rótulo de socialista, se quiser. Socialista

utópico, liberal socializante, humanista. O Noé não me interessa. O que me preocupa é o estabelecimento da justiça social. Meu país tem cerca de dois milhões de habitantes e, em última análise, é dominado por apenas umas trinta famílias ricas e duas poderosas companhias americanas. O resto não é apenas silêncio, mas miséria, fome, doença, morte prematura, desgraça... Acha que posso voltar para o Sacramento e ajudar a manter esse estado de coisas?

– Qual é a outra alternativa?

Ele rolou o corpo, ficou deitado de bruços.

– É o que estou procurando descobrir. (VERISSIMO, 1980, p. 237)

Pablo teria todos os motivos superficiais para não agir. Mas agiu. Entre manter o discurso de defesa e denúncia da injustiça social, e de fato fazer algo para mudar significativamente a vida de tantas outras famílias, ele ficou com a segunda opção.

As representações do intelectual, suas articulações por uma causa ou idéia diante da sociedade, não tem como intenção básica fortalecer o ego ou exaltar uma posição social. Tampouco tem como principal objetivo servir a burocracias poderosas e padrões generosos. As representações intelectuais são a *atividade em si*, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. (SAID, 2005, p. 33)

Fingir que protege seu país, ao fazer vista grossa a caprichos e corrupções é um pacto de aparências: você finge que colabora, que faz o seu trabalho; a população finge que acredita em suas propostas e promessas. E tudo isso se faz em nome de quem? Alguns usam a fé em Deus, outros, o bem do Estado; alguns referem-se à família, outros, simplesmente a interesses particulares.

Diante dessas circunstâncias, nos questionamos se as ações sociais não serão sempre marcadas pela ganância e egoísmo. Intelectuais como Gris e Ortega, com suas tentativas de independência e suas defesas de uma causa, podem ser responsáveis pela mudança no pensamento e no ponto de vista da sociedade, mas a chave da ação pertence a cada um. Sentimentos podem ser traiçoeiros e temporários: pontos de vista, idem. Se as máscaras que usamos servem de identidade em muitos momentos, alguns não se dão conta de tirá-las para descobrirem quem realmente são.

Os homens instintivos, como Gabriel Heliodoro, nos são uma incógnita. Por mais que sejam sem escrúpulos, aptos ao desenvolvimento de empreitadas, homens de confiança de chefes autoritários, são os que, no final, pagam a conta das ilegalidades. Muitas vezes, esse pagamento custa bem caro: no caso de Heliodoro, a própria vida. Mais uma vez, nos vem à cabeça o juízo moral: como apreciar uma personalidade tão complexa, tão contraditória, tão fascinante, mas ao mesmo tempo, tão egoísta? Heliodoro é, sem dúvida, um personagem

passível de inúmeras reflexões, principalmente porque eles nos desperta sentimentos contraditórios. Mas, afinal, as grandes personalidades sempre são assim.

Já dizia Erico, em *Incidente em Antares*:

Os livros escolares, cujo objetivo é ensinar-nos a história da nossa terra e do nosso povo, são em geral escritos num espírito maniqueísta, seguindo as clássicas antíteses – os bons e os maus, os heróis e os covardes, os santos e os bandidos. Via de regra, não se empregam nesses compêndios as cores intermediárias, pois os seus autores parecem desconhecer a virtude dos matizes e o truísmo de que a História não pode ser escrita apenas em preto e branco. (VERISSIMO, 1983, p. 24)

Em muitos momentos, podemos ser Ortega, mas em tantos outros, Heliodoro. Somos aquilo que a sociedade manipula e espera e, na inconstância do que somos, buscamos o que queremos ser. Afinal de contas, se há tantas máscaras a serem usadas, também há tantos outros rostos a serem descobertos.

Aprendemos, portanto, que a realidade muda, segundo aquilo que *estamos sendo*. Jovens, como Ortega, pensam em aliviar culpas pela revolução. Será que essas realidades, aparentemente tão verdadeiras e cheias de argumentos, são só constatações vagas do presente? Se Gris tem o sentimento de revolta mais contido, é porque só o tempo e as experiências nos formam e nos dão segurança quanto àquilo que verdadeiramente cremos.

Mais do que rogar a Deus pela fé perdida, como o Dr. Molina, estamos fadados a pedir, incessantemente, que nossa esperança por uma sociedade mais justa tenha a chance de existir e prosperar. *O Senhor Embaixador* é não só a leitura de um contexto social, mas, principalmente, o espaço de reconhecimento de tantas condutas individuais que interagem e instabilizam as identidades pessoais. Elas se refratam na sociedade, como signos ideológicos, diria Bakhtin. E são representativas de cada um de nós. Porque, afinal, somos complexos. E nossas maiores dúvidas se referem aos sentimentos controversos e verdadeiros que temos e que nos fazem pensar sobre o indivíduo enquanto individualidade, e no que se transforma pelas pressões da sociedade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/32zDYY9R/HALL_Stuart_A_Identidade_Cultu.html>. Acesso em: 29 junho 2011.

MAQUIAVEL. *O príncipe*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1983.

VERISSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. Porto Alegre: Globo, 1980.